

RELATO DE EXPERIÊNCIA- MONITORIA E SAÚDE MENTAL: A ESCUTA QUALIFICADA NA ROTINA DA MONITORIA ACADÊMICA

Thaís de Oliveira Souto Farias
Monitor Bolsista – Enfermagem
thaissoutostudy@gmail.com

Josenilda Malveira Cavalcanti
Orientador(a) – Enfermagem
josenilda.cavalcanti@professor.unifametro.edu.br

Área Temática: Saúde

Área de Conhecimento: Ciências da Saúde

Modalidade: Monitoria

RESUMO

Introdução: O ambiente universitário apresenta desafios significativos, especialmente nos cursos da área da saúde, em que há grande exigência desde os primeiros semestres. Como monitora de Ciências Morfológicas, vivenciei situações em que as dificuldades dos estudantes iam além do conteúdo técnico, revelando inseguranças, ansiedade e frustrações. Nesse contexto, percebi que a monitoria poderia se tornar não apenas um espaço de reforço acadêmico, mas também de escuta, acolhimento e apoio emocional. A escuta qualificada — compreendida como uma escuta atenta, empática e sem julgamentos — representa, segundo Campos (2004), uma prática essencial para a construção de vínculos no cuidado e na educação. Este relato tem como objetivo compartilhar experiências em que a escuta foi decisiva para acolher demandas subjetivas dos alunos, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. **Objetivo:** Relatar vivências em que a escuta qualificada foi essencial na minha atuação como monitora, acolhendo as demandas emocionais dos estudantes e favorecendo sua participação e aprendizagem nas atividades de Ciências Morfológicas. **Metodologia:** O relato baseia-se na minha experiência como monitora bolsista vinculada ao Programa de Monitoria e Iniciação Científica (PROMIC), no curso de Enfermagem da Unifametro. Atuei em atividades presenciais realizadas em salas de aula e laboratórios, prestando apoio a alunos da disciplina de Ciências Morfológicas. As situações apresentadas foram registradas a partir das minhas observações e reflexões, sem aplicação de instrumentos específicos, respeitando o anonimato dos envolvidos. A escuta foi conduzida com base em princípios de empatia, acolhimento e respeito aos limites éticos da minha atuação como monitora. **Resultados parciais e Discussão:** Durante o período da monitoria, diversos alunos expressaram dificuldades que extrapolavam os conteúdos das disciplinas. Relatos de desmotivação, medo de reprovação e sensação de incapacidade surgiram em momentos informais, revelando o impacto emocional do processo formativo. Em muitos desses casos, percebi que a escuta atenta e sem julgamentos foi suficiente para que os estudantes se sentissem mais confiantes e



motivados. Como apontam Oliveira e Souza (2020), os universitários enfrentam níveis crescentes de sofrimento emocional, e a existência de espaços de acolhimento pode contribuir significativamente para sua permanência e engajamento acadêmico. Com o tempo, observei uma mudança positiva na postura de alguns alunos: passaram a frequentar mais os atendimentos, demonstraram maior engajamento e buscaram ativamente o aprendizado. Essa experiência reforçou, para mim, a importância de enxergar o aluno como um ser integral, que aprende melhor quando se sente acolhido. **Considerações finais:** A minha experiência como monitora evidenciou que a escuta qualificada pode ser uma ferramenta valiosa no cotidiano da monitoria. Embora eu não atue como profissional da saúde mental, pude compreender que oferecer um espaço de fala e acolhimento, com empatia e responsabilidade, pode transformar a vivência acadêmica dos estudantes. Defendo que a formação dos monitores inclua discussões sobre saúde mental e estratégias de acolhimento, para que possamos atuar de forma mais sensível e ética, contribuindo para um ambiente universitário mais humano e saudável. **Palavras-chave:** Monitoria. Saúde Mental. Escuta Qualificada. Ensino Superior. Acolhimento Acadêmico.

Referências:

CAMPOS, G. W. S. *Escuta, vínculo e o trabalho em saúde. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 4, n. 1, p. 9–16, 2004.

OLIVEIRA, E. L.; SOUZA, G. G. *A saúde mental de universitários: desafios e possibilidades. Revista Psicologia e Saúde*, v. 12, n. 1, p. 45–55, 2020.

